A importância da língua grega

Nilsa Areán-García

Resumo: *This article explains the history of the Greek language, showing its influences, the geography of Greece that changed several times, many years ago, because the wars. The importance of the Greek language during the last centuries for other languages, like the Turkish Ottomans.*

Palavras-chave: *História da Grécia e da língua grega, influências da língua grega, geografia da Grécia antiga;*

A língua grega faz parte da família das línguas indo-européias, ainda que em seu léxico haja empréstimos que notadamente não sejam do indo-europeu. Pode-se seguir o desenvolvimento da língua grega durante um longo período: desde os primeiros traços em sua época micênica até o grego moderno, o que fornece um percurso de mais de três mil anos de uma história política e cultural, nos quais se manteve uma língua viva, que se desenvolveu até os dias de hoje, e ainda segue sua jornada de desenvolvimento.

De acordo com BUCK (1952: 15-16), os primeiros gregos chegaram à península helênica pelo norte, por volta de 2.000 a.C. e lá se estabeleceram, bem como em suas ilhas. Entretanto, dos povos anteriores, conhecidos pelo nome de pelasgos, pouco se sabe, ainda que seus falares devam ter influenciado traços do

Nilsa Areán-García é doutoranda em Filologia Românica, FFLCH-USP, sob orientação do Prof. Dr. Mário Eduardo Viaro.

grego. Sabe-se que antes da invasão da Península Balcânica, os povos que mais tarde foram chamados de gregos, situavam-se ao norte desta, onde tiveram contato com várias línguas indo-europeias. Porém, também depois da ocupação do território, limitou-se o contato com povos de línguas similares e de fronteira, ilírios e trácios, que segundo HERÓDOTO (5,3,1): *apud* BUCK (1952: 16), era o maior povo estendendo-se desde o mar Trácio até as vertentes meridionais dos Cárpatos e dali emigraram até a Ásia Menor dominando também sua costa, conforme o ilustrado no Mapa 1.1. Acredita-se que mais intensa tenha sido a influência dos povos que pertenciam ao grupo hitito-luvita do indo-europeu na formação da língua grega, pois na Ásia Menor, com os avanços da colonização "grega" houve um contato cada vez maior com os lídios, cários, lícios, cilícios e paflagões, todos pertencentes ao grupo lingüístico anatólico ou hitito-luvita, conforme HOFMANN, DEBRUNNER & SCHERER (1986: 32-35).

Escritas em grego estão as tábuas micênicas dos séculos XV a XII a.C., feitas em argila, que documentam os arquivos de palácios minóico-micênicos como o Cnossos e que detêm grande interesse de lingüistas e historiadores. Segundo MEILLET (1930: 16-51), no século VIII a.C. introduziu-se e adotou-se o alfabeto de origem fenícia. Na mesma época, a literatura grega começou com os poemas atribuídos a Homero, que foi um grande marco, não somente grego, como da literatura ocidental com a *Ilíada* e a *Odisséia*. Desde então, as formas de expressão na cultura grega foram sendo definidas: a épica, a lírica, a prosa historiográfica, a oratória, a filosofia e os tratados científicos, o teatro, especialmente as formas clássicas: tragédia e comédia. Entretanto, a língua grega usada na escrita é complexa, pois houve uma grande variedade dialetal depois que os gregos se estabeleceram na península balcânica e confirmaram a separação de sua língua das demais indo-europeias. Conforme PISANI (1954: 4-8), podem ser distinguidos quatro grandes grupos dialetais do grego: jônico-ático, eólio, arcádio-chipriota e dórico que engloba também o grego do noroeste. Os três primeiros são geralmente agrupados na categoria chamada grego aqueu. O jônico era falado na Ásia Menor, nas ilhas Cícladas e na ilha Eubéia; o ático na Ática; o eólio na Tessália, Beócia, na ilha de Lesbos e no litoral da Ásia Menor; o arcádio na Arcádia e em algumas regiões do Peloponeso; o chipriota na ilha de Chipre; o dórico na maior parte do Peloponeso, nas ilhas colonizadas pelos dórios: Creta, Rodes, Cós, Terá e outras, bem como em muitas regiões do Sul da Itália, ou Magna Grécia, e na Sicília; o grego do noroeste era falado na região mais próxima ao mar Adriático, no Epicuro e zonas próximas. Para MEILLET (1930: 73-109), o que é chamado de grego clássico é, em geral, o grego ático dos séculos V e IV a.C., ou seja, o que se usava em Atenas da época de Péricles, de Platão e dos oradores e dramaturgos. A variante ática teve um predomínio sobre as demais devido ao papel exercido por Atenas na cultura helênica, como a cidade da democracia, do teatro e da filosofia, durante a sua hegemonia política. Mesmo depois de perder importância política, Atenas continuou a exercer

grande influência na cultura grega. Entretanto a épica homérica e a primeira prosa grega foram escritas em jônico.

Houve, então, uma divisão geográfica dialetal devida à distribuição dos povos gregos que colonizaram as diversas zonas helênicas, mostrada no Mapa 1.2. Entretanto, também houve a utilização das variantes de acordo com as convenções literárias, que impuseram aos vários gêneros uma ou outra forma. Por exemplo, Hesíodo era da Beócia, mas compôs os seus poemas em jônico. Píndaro, também da Beócia, compôs suas odes em dórico. Apesar das diferenças dialetais, a língua grega permitia a relação entre uns e outros gregos, mas, os dialetos acabaram desaparecendo com a extensão do uso do grego no âmbito comercial e como veículo cultural e de expansão do Império. Essa língua comum grega, ou koiné, que havia sido formada sobre o ático, mas com características do jônico e dórico, se consolidou como uma língua franca, de acordo com PISANI (1954: 46-70).

Sabe-se que na Antigüidade houve um período de auge helenístico com a expansão da cultura helênica e da koiné grega como língua franca, em todo o imenso domínio nas costas mediterrâneas, conforme o Mapa 1.3: no norte da África, Egito (como língua oficial) e no Oriente Médio até as fronteiras da Índia, por meio das guerras de conquistas e colonizações, promovidas em sua maior parte por Alexandre, o Grande, no final do século IV a.C. e administradas, logo depois, por seus sucessores. A criação da biblioteca de Alexandria é apenas um exemplo da grande influência exercida pela cultura dos conquistadores. Ainda que o Império Alexandrino tenha sido fragmentado, a influência do grego como cultura e língua manteve-se por muito tempo nessas regiões e pode ser considerada a maior das conquistas de Alexandre, o Grande.

É interessante notar, que durante a colonização romana no Oriente Médio, o grego permaneceu ainda como língua franca, identificando seu poder de assimilação pelos povos que ali habitavam, já que, segundo BASSETTO (2001, 89): "no Oriente a latinização foi bastante superficial". Assim se explica que os livros sagrados judaicos tenham sido escritos em aramaico e hebraico, enquanto o Novo Testamento (evangelhos, cartas dos apóstolos e apocalipse), pregado pelos cristãos, tenha sido escrito na koiné grega, e não em latim. Dessa forma, a expansão do cristianismo, juntamente com a expansão do Império Romano, como pode ser visto no Mapa 1.4, principalmente após Constantino, levou a uma forte retomada de termos do grego com o uso da bíblia mesmo depois de sua tradução para o latim. Esses termos gregos foram mantidos pela Igreja Católica até hoje por meio do latim eclesiástico.

A koiné grega também era a língua que os filósofos, mercadores e governantes do Oriente utilizavam durante o Império Romano. Mesmo os romanos escreviam em koiné na zona oriental do Império. Em Roma, estudava-se o grego nas famílias patrícias, pois era a língua da filosofia e ciência. É curioso notar que o Imperador Romano Marco Aurélio escreveu os seus *Soliloquios* em grego, pois era uma língua de grande prestígio, mesmo no Império Romano do Ocidente.

Entretanto, não só a religião e a fraca latinização do Oriente foram os responsáveis pela importância da cultura grega. Os mais diversos fatores, como por exemplo, que muitos dos escravos feitos pelos romanos eram helênicos cultos, ajudaram nessa disseminação de termos gregos no latim. A cultura grega aparece em todos os campos da civilização de Roma: na poesia, mitologia, oratória, escultura e arquitetura. Na filosofia romana também houve grande influência das idéias filosóficas gregas, com discípulos das escolas filosóficas gregas: cínicos, epicuristas, estóicos, pitagóricos, platônicos. Os romanos mais destacados sempre viajavam à Grécia para se educar, ou tinham professores gregos, como também, estudavam as artes helênicas continuando-as em versões latinas. A própria língua latina possui uma estrutura gramatical e sintática muito similar à grega. Então, de certa forma, os romanos souberam absorver e adaptar grande parte da cultura helênica na formação de seu Império, por isso o termo greco-latino, relativo à cultura. Apesar de não se usar o mesmo termo em relação à língua, houve também um determinado grau de absorção e adaptação do grego no latim.

Desde que Constantino mudou a capital do Império Romano para Constantinopla, em 330, até a conquista desta pelos turcos-otomanos em 1453, o centro do poder político e cultural helênico passou a ser essa capital. Depois de Teodósio, quando deixou de ser o centro de todo o Império Romano com a divisão (como está ilustrado no Mapa 1.5), para ser o centro do Império Oriental, a cidade de Constantinopla, Bizâncio ou Istambul, continuou a exercer grande influência helênica na região. Ainda depois da queda de Roma e do Império Romano do Ocidente em 476 (como está ilustrado no Mapa 1.6), o Império do Oriente ainda perdurou por quase mil anos, mesmo que suas fronteiras tenham sido reduzidas, suas relações com o mundo ocidental tenham sido dificultadas e a Igreja Católica, uma das fontes de irradiação do grego, tenha sido dividida em Romana e Ortodoxa.

Também o Império Árabe foi transmissor de parte do legado helênico, por meio de suas versões nos livros de medicina, astronomia, geometria, álgebra, ciências, e mesmo em meio à sua expansão com a "Guerra Santa", ainda que com menores proporções foi mantido o Império Bizantino, conforme mostrado no Mapa 1.7. Contudo, o grego foi praticamente esquecido no Ocidente durante a Idade Média e só retomado no Renascimento, após a tomada de Constantinopla pelos turcos-otomanos.

Constantinopla, em 1204, foi alvo das Cruzadas, organizadas inicialmente para combater a "Guerra Santa" dos islâmicos, mas ainda continuou como centro de uma civilização que conservava a tradição e, principalmente, os textos gregos da Antigüidade Clássica. Após a queda de Constantinopla, tomada pelos turcos, estes textos chegaram ao Ocidente e produziram como fruto o Renascimento. Na Europa dos séculos XIV e XV d.C., devido às traduções e estudos dos textos gregos da Antigüidade Clássica, sobretudo na Península Itálica, nasceu o movimento Humanista Renascentista, a partir dos manuscri-

tos levados pelos sábios que fugiram de Bizâncio com a ocupação turco-otomana. Entretanto, durante muitos séculos o Ocidente ignorou o grego, enquanto no Oriente se manteve como língua do mundo bizantino.

Depois que os turcos tomaram o poder político e instauraram sua língua em seu domínio, conforme o Mapa 1.8, os gregos continuaram falando sua língua em uma região pobre na antiga Hélade. Somente no século XIX, o grego voltou a ser a língua oficial de uma nova nação, a nova Grécia. O novo grego pode ser considerado uma continuação da koiné que perdurou e também se modificou durante o período de língua franca do Império Alexandrino e do Império do Oriente.

Assim, o Humanismo recuperou no Ocidente a cultura helênica que culminou na corrida pelo saber, nas Universidades e na base para a tecnologia dos últimos séculos. Nesse afã de estudar o panorama do grego começaram os estudos de Filologia Clássica, com ensino da língua grega em centros de excelência, analisando os termos gregos, introduzidos através do latim, e declarando o quanto, segundo LÓPEZ-EIRE (2003), é imprescindível conhecer o grego para conhecer os aspectos culturais e atuais das línguas românicas.

Segundo PIEL (1989: 14), a influência do grego veiculado pelo latim foi muito mais intenso no período humanista e desde então continua até os dias de hoje com vasta importância na formação lexical "sendo porventura a língua portuguesa entre as românicas a que maior rendimento tirou e continua a tirar deste inesgotável manancial que são as línguas clássicas."

Bibliografia

- BASSETTO, Bruno F. *Elementos de filologia românica*. São Paulo: Edusp, 2001.
- BUCK, Carl Darling. *Comparative grammar of Greek and Latin*. Chicago: The University Chicago Press, 1952.
- HOFMANN, O.; DEBRUNNER, A. & SCHERER, A. *Historia de la lengua griega*. (título original: Geschichte der griechischen Sprache; tradutor al castellano: Sánchez Pacheco). Madri: Gredos, 1986.
- LÓPEZ-EIRE, Antonio. Una ejemplar historia de la lengua: la historia de la lengua griega. In: *La langue grecque et son histoire*. Atenas: Centre de la Langue Grecque, 2003. 101-106.
- MEILLET, A. *Aperçu d'une histoire de la langue grecque*. Paris: Hachette, 1930.
- PIEL, J.M. *Estudos de Lingüística Histórica Galego-Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1989.
- PISANI, Vittore. *Breve historia de la lengua griega*. Montevideo: Facultad de Humanidades y Ciencias – Universidad de la República, 1954.

Anexos

Mapa 1.1. Primeiras civilizações gregas.

Mapa 1.2. Divisão política da Grécia Antiga.

Obs: a qualidade das imagens devem-se a qualidade dos arquivos enviados pela autora do artigo.

Organon, Porto Alegre, nº 44/45, janeiro-dezembro, 2008, p. 141-149

Mapa 1.3. O Império Alexandrino e suas principais rotas de expansão.

Mapa 1.4. O Império Romano.

Organon, Porto Alegre, nº 44/45, janeiro-dezembro, 2008, p. 141-149

Mapa 1.5. A divisão do Império Romano e as rotas dos povos não-romanos.

Mapa 1.6. A queda do Império Romano (do Ocidente).

Organon, Porto Alegre, nº 44/45, janeiro-dezembro, 2008, p. 141-149

Mapa 1.7. A expansão do Império Árabe.

Mapa 1.7. A expansão do Império Turco.

Organon, Porto Alegre, nº 44/45, janeiro-dezembro, 2008, p. 141-149